

Alma Sebosa: o *queer*, a dramaticidade e o Camp no videoclipe de Johnny Hooker¹

Bruno Luiz de Oliveira NETO²

Gleicy Louis Souza SANTIAGO³

Daiany Ferreira DANTAS⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

Atualmente o *queer* tem ganhado cada vez mais notoriedade na investigação de produtos culturais. Dentre os quais, os do universo musical. Com a proposta de apresentar o extravagante, neste trabalho, associamos a teoria *queer* também ao conceito de Camp. Para tanto, nos debruçamos em torno da obra do compositor e cantor Johnny Hooker, que utiliza desses elementos na construção de sua obra, tanto nas músicas quanto em seus videoclipes, bem como em sua identidade visual. Desta forma, investigamos como esses conceitos estão presentes no seu videoclipe, Alma Sebosa.

Palavras-chave: Camp; Estética; Música popular brasileira; Teoria *queer*.

Introdução

Há alguns anos, a teoria *queer* começou a ser elaborada e estudada, segundo Colling (2017, *online*), precisamente no fim década de 80 e início dos anos 90. Seu conceito se dá em algo que “pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, (LOURO, 2011, p. 546). Frequentemente o termo é associado aos homossexuais de maneira negativa, como forma de insulto. Os teóricos *queer* e a comunidade LGBT tentam mostrar essa definição de forma mais positivista.

A idéia dos teóricos foi a de positivar esta conhecida forma pejorativa de insultar os homossexuais. Segundo Butler, apontada como uma das precursoras de teoria *queer*, o termo tem operado uma prática lingüística com o propósito de degradar os sujeitos aos quais se refere. “Queer adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58 apud COLLING, 2017, *online*).

A teoria *queer* pode ser associada ao Camp, citado por Susan Sontag (1964), sobretudo em suas manifestações de performance artística, tais como a das *drags*,

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 29 de junho a 01 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Hab. em Publicidade e Propaganda da FAFIC UERN. email: brunoluiz04@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Hab. em Publicidade e Propaganda da FAFIC UERN. email: gleicylouis1@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da FAFIC-UERN, e-mail: daianyd@gmail.com

citadas pela autora. “Na realidade, a essência do Camp é a sua predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero” (SONTAG, 1964).

De acordo com Colling (2017, *online*), a “androginia é considerada por Sontag como uma das grandes imagens da sensibilidade”. Ao destacar isso, alude à citação da própria autora, que propôs que:

Camp é também uma qualidade que pode ser encontrada nos objetos e no comportamento das pessoas. Há filmes, roupas, móveis, canções populares, romances, pessoas, edifícios campy... Essa distinção é importante. É verdade que o gosto camp tem o poder de transformar a experiência. Mas nem tudo pode ser visto como camp. Nem tudo está nos olhos de quem vê. (SONTAG, 1964, nota 3).

Como pudemos observar, há a convergência entre os aspectos do *queer* e do Camp presentes no cenário da música mundial. Hoje, reconhecidamente, temos a visibilidade de exemplos como as *drags queens* do *reality Ru Paul's Drag Race*, programa presente desde 2009 na TV por assinatura norte americana que “narra a competição entre drag queens que se submetem a desafios semanais para conquistar a coroa e o título de “*American's Next Drag Superstar*” (A Próxima Drag Superstar da América).” (SANTOS, 2015, p. 6). No cenário nacional, podemos observar que se destaca, por exemplo, Ney Matogrosso cantor brasileiro que já no 1975 se apresentava em palco de forma diferenciada, para os padrões da época. Como destaca Abreu, ao identificar que:

Primeira metade da década de 1970. De rosto pintado, voz aguda e danças que desafiavam os costumes de um Brasil em tempos de ditadura militar, Ney Matogrosso já chamava atenção quebrando padrões de gênero e visibilizando a androginia na música brasileira. (ABREU, 2017, *online*)

No que diz respeito ao cenário atual da música nacional, vários são os exemplos a serem citados. Por exemplo, Liniker e Pabllo Vittar⁵. Dentre estes, também tem se destacado o cantor, ator e compositor recifense Johnny Hooker. O artista incorpora vestes, e constrói através da estética da dor toda uma história que tem como presente cenário as ruas e bares da capital pernambucana. Em seu disco de estreia, Hooker fala sobre um amor que o deixa em ruínas, mas que, apesar de tudo é superado ao fim do álbum na canção *Desbunde Geral*, onde ele se entrega ao carnaval.

O melodrama da estética *queer*

⁵ Artistas nacionais que ganharam notoriedade na mídia no último ano. Liniker se denomina como *genderfluid* (pessoa que passeia pelos dois gêneros), enquanto Pabllo é a *drag* com mais visualizações de vídeos na plataforma *YouTube*.

Hooker utiliza muito do cenário dramático e trágico para contar a sua história que são categorias da estética, como citado por Suassuna (2008), e podem ser observados em uma de suas principais canções, Alma Sebosa.

Segundo Suassuna, valendo-se da perspectiva aristotélica para compreender os gêneros da expressão artística, “o personagem trágico, homem de caráter excepcional e, por isso mesmo, personalidade na qual se misturam o bem e o mal, é levado pela própria grandeza de suas paixões, de suas qualidades e de seus defeitos, a um conflito.” (SUASSUNA, 2008, p. 129). Isto serve para caracterizar o dilema vivido em torno das letras do álbum, bem como especificamente na canção Alma Sebosa, onde o personagem de Hooker, mesmo que ainda apaixonado, maldiz o homem que ama.

De acordo com Suassuna, “o personagem dramático é mais naturalmente um homem, uma pessoa do cotidiano”. (SUASSUNA, 2008, p. 140), O que confirma que, embora o cantor flerte com o trágico e o drama, esse caráter de identificação, de histórias sólidas e mais reais presentes em suas letras, faça com que o dramático sobrepuje o trágico. Por representar tão bem esses conceitos, é que o clipe de Alma Sebosa acaba sendo o objeto de estudo delimitado.

A problemática deste artigo surge do questionamento feito a partir de como o Camp e a teoria *queer* estão presentes no videoclipe e como o drama e a tragédia, associados ao preconceito sofrido pelas pessoas que estão inseridas dentro do conceito de multidões *queer*, como expõe Preciado (2011), dando ao amor um caráter proibido. Identificando assim, como as questões desses conceitos da estética estão presentes não só na letra ou cenário do clipe, mas na personificação do personagem Johnny Hooker.

Deste modo, a pesquisa busca compreender como o Camp e a teoria *queer* estão inseridos no cenário da música nacional contemporânea a partir do videoclipe Alma sebosa do cantor recifense Johnny Hooker. Os métodos adotados serão revisão a bibliográfica de artigos científicos e obras que abordam as teorias que permeiam o clipe em questão, como o drama vivido pelo personagem, a estética Camp presente no clipe tanto nas vestimentas, quanto no cenário e a teoria *queer*.

Assim, como o estudo de caso que se refere diretamente ao objeto de estudo. De acordo com Silva e Benegas, “esse estudo é uma das muitas maneiras de se fazer pesquisa em ciências sociais, utilizando experimentos, levantamentos, pesquisas históricas e análises de informação arquivadas no longo do tempo de pesquisa.” (SILVA, BENEGAS, 2010, p. 9).

Johnny Hooker como personificação Camp do *queer*.

O artista Johnny Hooker tem ganhado grande visibilidade no cenário musical brasileiro, com o seu álbum de estreia “*Eu vou fazer uma macumba pra te amarrar, maldito!*” lançado em fevereiro de 2015. O título do álbum que já chama bastante atenção é pouco diante da figura Johnny Hooker. Seu nome, *Hooker*⁶ já tem um significado peculiar, sua vestimenta, seu modo de cantar, assim como a figura em geral do artista remete a teoria *queer* e revela uma forte estética Camp.

No videoclipe Alma Sebosa, objeto de estudo dessa pesquisa, o personagem sofre pela rejeição e abandono do seu amado. Como podemos verificar nos versos da música em que o cantor fala “você não me procura nem mais pra saber se eu existo, não responde meus recados, me trata feito lixo”. Assim, podemos identificar aspectos dramáticos e trágicos na história vivida pelo personagem. Esses conceitos são categorias da estética e se assemelham diversas vezes por conter uma essência parecida. “Ambos se caracterizam pelo infortúnio, pelo esmagamento, pelo aniquilamento do personagem” (SUASSUNA, 2008, p. 136).

Assim sendo, o Dramático e o Trágico são as duas essências da Beleza que mais atingem a quem os recebe, capazes de alcançar maiores dimensões literárias. A personagem dramática é mais viva, psicologicamente, do que a trágica. A linguagem da arte dramática usa o mundo real como base para suas histórias, mas não o demonstra com suas reais características.

Assim, a linguagem dramática procura um caminho de maior comunhão com a realidade, mas essa comunhão - como acontece na relação do real com o trágico - deve ser exatamente a necessária para convencer o espectador de que esse mundo superior da Arte é, ao mesmo tempo, no caso do Dramático, este mundo, o mundo no qual vivemos. Por isso, apesar de mais verista que a do Trágico, a linguagem do Dramático também deve transfigurar a realidade, pois o Teatro é uma das Artes; e Arte nenhuma imita rigorosamente e estreitamente a vida. (SUASSUNA, 2008, p. 141).

Visualmente, Hooker é conhecido por sua forma de se vestir de modo extravagante, com penas, colares, correntes e peças transparentes, além de sua imagem andrógina. No videoclipe estudado, todos os personagens estão vestidos de maneira excêntrica, assim como o cenário destaca-se por se tratar de um cabaré.

⁶ A palavra inglesa *Hooker* traduzida para o português significa prostituta.

A estética camp não está presente apenas no videoclipe estudado, mas no artista de modo geral. Podemos conceituar o Camp como uma sensibilidade onde prevalece a artificialidade, o exagero, o exibicionismo. Segundo Sontag, “a marca do Camp é o espírito da extravagância” (SONTAG, 1964, nota 25). Tem certa conotação sexual, com algumas características homossexuais. Popular desde a década de 1960, o Camp é tão ruim que se torna bom por chocar de modo extravagante. Suas principais características são a frivolidade, a artificialidade e o excesso sofisticado.

A imagem andrógina de Johnny Hooker, com a mistura do seu cabelo grande, barba e maquiagem, também remetem à estética Camp quando Sontag fala “o andrógino é seguramente uma das grandes imagens da sensibilidade Camp.” (SONTAG, 1964, nota 9).

Assim como se insere na teoria *queer*, justamente por se tratar de não se encaixar dentro do padrão e dos estereótipos de gêneros. Para Preciado (2011) essa teoria se levanta contra as regras que existem acerca do que é considerado normal e do conceito que designava a parcela de pessoas que estavam fora dos “normais” como “anormais”, não se baseia na distinção homem/mulher, mas tem esse caráter de multiplicidade de corpos e identidades.

Análise do videoclipe Alma Sebosa

O videoclipe Alma Sebosa, objeto de estudo dessa pesquisa, está disponível na plataforma do *youtube* desde 28 de setembro de 2014 e já possui mais de dois milhões de visualizações. A história se passa num bordel, onde o personagem de Hooker vive um romance socialmente subjugado, apaixonado por um homem que o rejeita em público, mas o qual mantinha uma relação às escondidas. Hooker fala de suas mágoas na letra da música e da sua esperança em superar o sentimento de rejeição.

Você não me procura nem mais
 Pra saber se eu existo
 Não responde meus recados
 Me trata feito lixo
 Se não me quiser
 Não me procure nem mais pra fu***, eu insisto
 E quer saber? Eu desisto
 Acha que a sua indiferença
 Vai acabar comigo?
 Eu sobrevivo, eu sobrevivo
 Você não presta, ninguém é seu amigo
 A solidão vai ser o seu castigo. (Hooker, *online*, 2017)

Ao repetir na letra “Eu sobrevivo, eu sobrevivo”, podemos dizer que seu personagem o faz para que ele mesmo acredite nas suas palavras de superação e tome a atitude de superar. No decorrer da história contada no clipe, Hooker desliza em seu objetivo de esquecê-lo, o procurando e beijando-o, embora ainda relute contra seus sentimentos. Ao final decide deixá-lo sozinho, coincidindo com o final da letra “Você não presta, ninguém é seu amigo. A solidão vai ser o seu castigo”.

Toda a estética do videoclipe, do início ao fim, se baseia no Camp. Do local ao qual o vídeo se situa, um bordel de frequentadores diversificados (figura 1), demonstrando certa marginalidade da vida noturna, da vestimenta dos personagens, suas atitudes extravagantes e de relações que não são moralmente aceitas pela sociedade, como uma mulher beijando dois homens.



Figura 1- Videoclipe Alma Sebosa - 28/04/17

Assim como Sontag fala em sua obra *Notas sobre Camp*,

Vestuário, mobília, todos os elementos de decoração visual, por exemplo, constituem grande parte do Camp. Pois a arte Camp frequentemente é uma arte decorativa que enfatiza a textura, a superfície sensual e o estilo em detrimento do conteúdo. (SONTAG, 1964, nota 5.)

No clipe, a música que se constitui como o conteúdo da obra, acaba servindo como plano de fundo para a história contada no bordel. As dinâmicas que se estabelecem no local se sobressaem a esse conteúdo de modo a realçar a tragédia a qual o personagem de Hooker vive, sendo apaixonado por uma pessoa que não o assume e o rejeita, ignorando-o. “Não responde meus recados, me trata feito lixo” (HOOKER,

online), revelando o caráter trágico, mencionado por Aristóteles (apud SUASSUNA, p. 129), Hooker se vê diante de um dilema emocional ao escolher o caminho mais árduo, revivendo sua relação conturbada ao ir de encontro ao seu amante.

Ao contrário do que se pensa, vê-se que a tragédia é causada pela *vontade* e não pela *fatalidade*. As pessoas comuns escolhem sempre o caminho mais tranquilo e seguro; as personalidades trágicas escolhem os de maior perigo [...] É, portanto, essa, a *decisão* à qual se refere Aristóteles como reveladora do caráter trágico; e é essa decisão que leva o personagem a se dilacerar no “conflito trágico”. (SUASSUNA, 2008, p. 129-130).

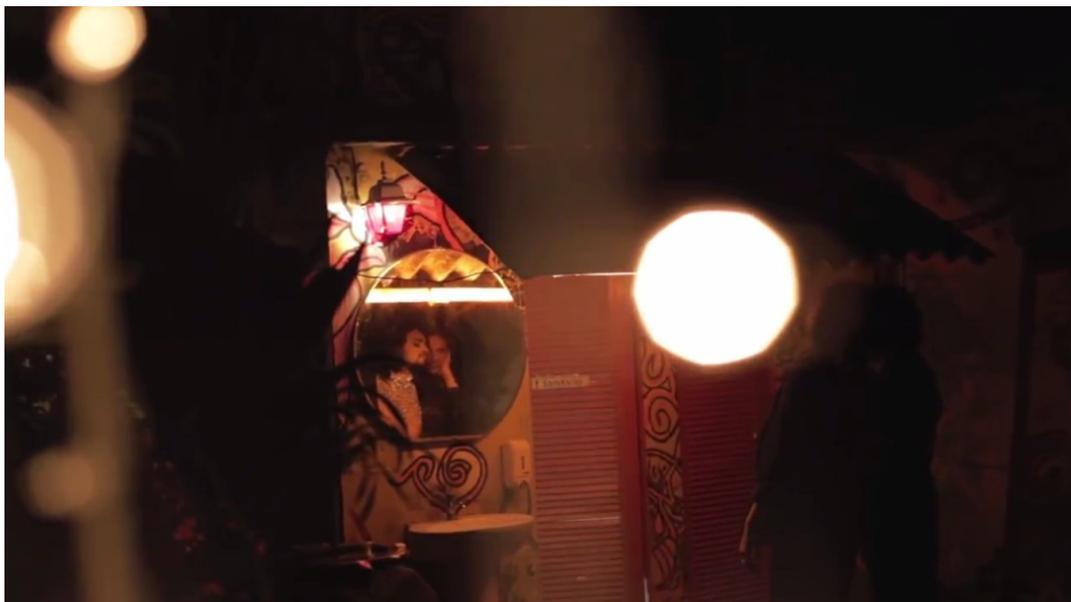


Figura 2 - Videoclipe Alma Sebosa 28/04/17

Podemos relacionar todo esse drama vivido pelo personagem de Hooker com a teoria *queer*. Segundo Preciado (2011), surgiu como uma forma de quebrar as barreiras da binaridade de gênero, chegando a fazer parte dos movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, etc. No espaço à qual o videoclipe se passa, bem como os personagens que estão inseridos nele, podemos ver o que a autora afirma, “As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*.” (PRECIADO, 2011 p. 14).

Deste modo, por se tratar de um relacionamento homossexual, ou seja, minoritariamente social, o personagem sofre com a não aceitação do seu parceiro, que coloca o relacionamento no campo do privado. O que identifica a relação entre o trágico presente na história e a teoria *queer*, vivido sobre uma perspectiva Camp.

Considerações finais

No presente artigo, podemos analisar de que forma as estéticas *queer*, Camp, bem como o trágico e o drama se manifestam no videoclipe Alma Sebosa. Johnny Hooker manifesta em si estas diversas teorias de forma a apresentar algo de caráter diferente do que já vinha sido apresentado no cenário musical nacional, ao mesmo tempo em que serve de base apenas como um dos representantes destes movimentos.

Ao criar a música e videoclipe, o artista Johnny Hooker infere a questão do *queer* e da homossexualidade como aquele algo considerado socialmente proibido, errado, que precisa ser escondido. Assim, trazendo a marca do drama e do trágico para as questões sexuais do que é tratado no clipe, buscando retratar a junção entre prazer de ser quem é e os problemas que isto acarreta ao personagem da narrativa do videoclipe.

Alma Sebosa retrata o comum, as histórias de fácil caráter de identificação, assim como a estética do dramático explanado por Sussuana (2008), do mesmo modo que assume uma forma original apresentada atualmente. Podemos perceber a grande influência da estética Camp presente na obra do cantor, a partir das suas vestimentas exageradas, pela sua frivolidade, sua atuação do próprio eu por meio do personagem criado por Hooker e pela sua androginia, característica também da teoria *queer* estudada neste artigo.

Basta pesquisar a história da música nacional brasileira para saber que Johnny Hooker não é o primeiro e possivelmente não será o último, assim esperamos, a quebrar as barreiras do comum no cenário midiático. O Camp, as categorias estéticas apresentadas por Suassuna (2008) valendo-se de Aristóteles, bem como a teoria *queer* ainda podem render muitas obras nas quais podem ganhar esta representatividade. Johnny Hooker não só é um intérprete dessas categorias estéticas, além de também ser um dos porta-vozes do assunto aos quais ele trata.

Referências bibliográficas

ABREU, Paulo Renato. **A força queer**. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2016/03/10/noticiasjornalvidaarte,3586245/2016-1003vidaarte-0101-musica-diversidadea-forca-queer.shtml>. Acesso em: 22 de abril de 2017.

COLLING, Leandro. Teoria Queer. In: ALMEIDA, M. C. F. **Mais definições em trânsito**. Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 28 de abril de 2017.

Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira. **Ney Matogrosso**. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/ney-matogrosso>. Acesso em 20 de abril de 2017.

EIROA, Camila. **Intenso e de voz poderosa, Johnny Hooker faz barulho na cena musical nacional e prova que representatividade importa**. Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/conheca-johnny-hooker-cantor-do-recife-que-lancou-primeiro-disco-em-2015>. Acesso em 17 de abril de 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer – Uma política pós-identitária para a educação**. Estudos Feministas, p.541 – 553, ano 9, 2011.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer. Notas para uma política dos “anormais”**. Estudos Feministas. Florianópolis, p 11-20 jan./abril 2011.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. *Calling All The Queens!* Visibilidades de gênero no programa de TV RuPaul’s Drag Race. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE – INTERCOM, 17., 2015. Rio Grande do Norte . **Anais...** Rio Grande do Norte: Intercom, 2015. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1346-1.pdf>>. Acesso em: 29 de abril de 2017.

SILVA, R. R.; BENEGAS, A. A. **O uso do estudo de caso como método de ensino na graduação**. Economia & Pesquisa, Araçatuba, v. 12, n. 12, p. 9-31, 2010.

SONTAG, Susan. **Notas sobre o camp**. 1964.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação a estética**. 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

Vagalume. Alma Sebosa. Johnny Hooker. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/johnny-hooker/alma-sebosa.html>. Acesso em: 28 de abril de 2017.